

CLASSIFICAÇÃO DE ROCHAS ÍGNEAS E METAMÓRFICAS: SÍNTESE EVOLUTIVA E PROBLEMATIZAÇÃO ACERCA DOS VÍCIOS DE LINGUAGEM DA TERMINOLOGIA NO MEIO ACADÊMICO, BEM COMO ANÁLISE DO MODELO ATUAL ADOTADO PELA IUGS

Lima, G.F.C.¹; Rezende, L.C.²

¹Universidade Federal de Minas Gerais; ²Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO: Métodos de classificação visam agrupar elementos com base em parâmetros pré-definidos, a fim de intermediar a comunicação multidisciplinar no meio científico, de forma sistemática e concisa. A evolução do pensamento geológico, quanto à metodologia de classificação de rochas ígneas, percorreu mais de dois séculos, até alcançarmos o modelo vigente, padronizado pela International Union of Geological Science (IUGS). As primeiras tentativas de grande expressão vieram no século XIX, baseadas nos mais diversos parâmetros de classificação. Fatores como petrografia e mineralogia, bem como composição química, foram fundamentais para o início da categorização de rochas ígneas que, até então, eram nomeadas de acordo com referências geográficas associadas. O século seguinte foi marcado pelo aumento do grau de complexidade e da abrangência de sistemas de classificação, através da paragênese mineral, atreladas a análises geoquímicas mais avançadas, à criação dos padrões normativos de cada litotipo e à tentativa de elaborar correlações genéticas. Destacam-se também os primeiros intentos em distinguir os magmas originários das rochas. Com a criação da IUGS em 1961, formou-se uma comissão para avaliar e assimilar estudos, das mais variadas procedências, o que resultou na publicação do “Classification of Igneous Rock and Glossary of Terms: Recommendations of the International Union of Geological Sciences Subcommission on the Systematics of Igneous Rock” com sua segunda edição lançada em 2002. A evolução da metodologia de nomenclatura e classificação das rochas metamórficas, por sua vez, teve uma história diferente. A sistemática estabelecida pela IUSG conseguiu evitar as nomenclaturas regionais, criando um método de nomenclatura altamente flexível e de baixa complexidade, baseando-se principalmente em parâmetros texturais, paragêneses minerais e aspectos químicos. A praticidade da classificação de rochas metamórficas se deve, principalmente, ao fato de a nomenclatura não ser atrelada à gênese do litotipo. Esta síntese do desenvolvimento da terminologia aplicada à petrografia mostra que o aperfeiçoamento de uma metodologia se dá quando ocorre o questionamento de suas limitações. Isto posto, este trabalho discute diversos vícios de linguagem existentes no meio acadêmico, como má interpretação de conceitos e equívocos em nomenclaturas de significados próximos, porém não equivalentes. Do exposto, tem-se como exemplo a utilização de termos “máfico” e “félsico” como sinônimos de “melanocrático” e “leucocrático” respectivamente, ou meta-arenito como sinônimos de rochas com metamorfismo de baixo grau. Critica-se também a utilização de critérios subjetivos como parâmetros classificatórios. Compete ao âmbito científico e estudantil estabelecer um sistema de classificação eficiente e requisitar sua aplicabilidade no meio, tendo em vista a manutenção do mesmo código de comunicação entre toda a geologia.

PALAVRAS-CHAVE: CLASSIFICAÇÃO ROCHAS ÍGNEAS; CLASSIFICAÇÃO ROCHAS METAMÓRFICAS; EVOLUÇÃO METODOLOGIA CLASSIFICAÇÃO.